

RESENHAS

LAGO, Ângela. *Cântico dos cânticos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

E a letra se fez cor

Publicado em 1992, o *Cântico dos Cânticos* de Ângela Lago é como a autora mesmo confessa, fruto de um deslumbramento.

Deslumbramento que se fez no contato amoroso com um texto especial, lido, traduzido, reescrito pela humanidade há séculos, lido, relido e amado por essa leitora sensibíllissima, desde suas primeiras experiências com a literatura. Diz ela: "Na realidade, este livro é uma história de amor apaixonado de uma leitora por um livro. Ainda menina de uns quatorze anos li, por acaso, na Bíblia, o *Cântico dos Cânticos*. Quase trinta anos depois, pensei que seria capaz de recuperar esta primeira leitura juvenil. Não me lembro mais em que momento, acreditei que seria necessário mais: além de recuperá-la, revê-la, a partir do meu olhar de mulher de meia idade".

Hoje, cada vez mais, queremos saber o que lêem os poetas, como a tradição se torna legível, revivificada e nova através de um olhar contemporâneo, saber como a literatura

se alimenta de si mesma e como reinventa sua própria matéria prima, quando revisita suas origens nunca totalmente perdidas.

Assim o trajeto de Ângela, tendo-se feito de muitas leituras, além daquela de sua juventude, em que lia e relia esse texto da paixão, acaba por refazê-lo no silêncio, despojado do vozerio e dos múltiplos ecos milenares em que ele se fez ouvir, nos olhos e na voz dos apaixonados e dos místicos. E assim o texto se fez cor, sem deixar de tornar presente a ausência do rastro da letra, aí onde ela sulca a página e deixa as antigas palavras se dizerem.

Artista plástica, dona de uma primorosa técnica, seu trabalho usa como referencial de linguagem as iluminuras, as miniaturas medievais e islâmicas e diz ela "o que delas foi retomado, no final do século passado, por Willian Morris." Além disso, há em seu desenho uma clara evocação a Escher, "o artista plástico que explorou o infinito, e cujas fascinantes gravuras conheci ainda adolescente também".

E o infinito da paixão que não pára de se dizer, sem pausas, é o obsessivo trajeto desse amor de desencontro do Rei e da Sulamita, muito mais de buscas e perdas que de uma definitiva conjugação. Amor que não pára de se procurar, gozando de sua própria adiada e impossível fusão, num lento fluir que se quer cantar e festejar.

Quem lê/vê o livro faz uma dupla jornada pelos caminhos do texto, na letra que não há, mas se evoca e nos desenhos caprichosos, labirínticos, que mimetizam, em espirais, rendilhadas escadarias, bíblicos mosaicos, colunas que fazem/defazem a ilusão de profundidade, transgredindo as leis da perspectiva, criando novos espaços, novos caminhos, inéditas saídas. Assim se produzem, também, surpreendentes leituras, que nascem das linhas tortuosas do texto/quadro, possíveis de serem seguidas e lidas em qualquer direção, cabendo ao leitor/espectador recriar esse objeto/livro, de infinitas maneiras.

Se o texto é sempre erótico e desejanste, como diz Barthes, o de Angela o é duplamente, finalmente, por ser objeto de se ver, de se tocar, de se maravilhar, nesse lugar onde se perde o leitor, nos ecos de música e letra nunca silenciadas, renascidas em múltiplas cores, em múltiplos labirintos em que o próprio livro se mime-tiza enrodilhado, apontando para as perdas e para sempre recriadas origens de um verbo sagrado e milenar.

Ruth Silviano Brandão

CALLADO, Antônio. *O homem cordial e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1993.

Romancista consagrado pela crítica e pelo público, Antônio Callado entrega-nos agora uma coleção de cinco contos sob o título de *O homem cordial e Outras histórias*. À primeira vista, cada texto pouco tem a ver com o seu vizinho, escritos que foram em épocas distintas da vida e da carreira do escritor. No entanto uma leitura mais cuidadosa da coleção apresenta um duplo fenômeno que acaba por ser uma das graças do livro. Por um lado, cada conto mantém relação estreita com a obra publicada pelo autor, já que personagens ou temas de cada um deles se aproximam de seres ou temáticas encontrados nos grandes romances. Por outro lado, esta relação entre conto e romance acaba por entretecer um desenho sutil e delicado entre os contos, desenho que é uma réplica da arquitetura que os leitores atentos encontram na "evolução" da obra completa do romancista.

No momento em que o leitor envia o conto que lê ao romance que leu e de lá volta para dar continuidade à sua leitura, está enriquecendo o estofamento dramático da narrativa através das lembranças que lhe foram ofertadas pelas alusões que foi detectando aqui e ali. Neste jogo de vai-e-vem, os cinco contos reinauguram - como que